

# Casa Grande & Senzala.

## *História da recepção*

Guillermo Giucci (UERJ)

A visão de conjunto sobre a fortuna crítica de *Casa Grande & Senzala* revela uma surpreendente variedade de interpretações. Desde sua publicação, em fins de 1933, até o presente, CG&S serviu de objeto hermenêutico a diversas gerações de antropólogos, sociólogos, historiadores, críticos literários, geógrafos e médicos, entre outras disciplinas.

Uma série de estudos examina o lugar das tradições culturais na formação intelectual de Freyre – o iberismo, o decadentismo inglês, o regionalismo francês, o modernismo anglo-americano, a relação catolicismo/protestantismo. Outra vertente, sobretudo nas ciências sociais, estuda as matrizes teóricas de seu pensamento – o positivismo de viés spenceriano, o pragmatismo, a história social e genética, a antropologia culturalista, a sociologia americana, o historicismo alemão antiiluminista, a psicanálise freudiana. Poucos, ainda que significativos, são os trabalhos comparativos. Estes assinalam afinidades e divergências, principalmente em relação ao gênero ensaio na América Latina ou ao movimento dos historiadores franceses dos *Annales*. Mais recentes são as comparações a partir de temas singulares, como a sexualidade e a infância ou o contraste com figuras representativas do modernismo paulista.

A grande maioria das interpretações está constituída por trabalhos sobre aspectos específicos de CG&S. Desde 1933, esta vertente interpretativa tem recortado de forma reveladora o texto, de maneira entre ingênua e furiosa, e predominado sob diversas facetas.

O presente estudo parte do pressuposto de que a complexidade da relação estabelecida entre o pensamento de Freyre e os cambiantes contextos históricos e ideológicos é um derivado da variante nietzscheana do pensamento posthegeliano: obra aberta, introdução de noções gerais sugestivas e de categorias elásticas, linguagem personalizada, modelo antissistemático, pluralidade de perspectivas.

A dimensão histórico-temporal é aqui mais importante que o caráter imanente da análise textual: cada interpretação é percebida como expressão cognitiva que constrói diferenças. Menos que exemplificar a partir de conceitos e de teorias, uma história da recepção de CG&S supõe levar em consideração as modificações do legado freyreano sem reduzir a complexidade. Implica diferenciar entre influência específica, difusa e esnobe; distinguir diversas modalidades de influência: da teoria geral, de aspectos parciais, do aparato conceptual, da terminologia, do estilo, da problematização de determinada temática. A influência pode inclusive transformar-se em parte subentendida do âmbito cultural.

Em relação à história do livro, é importante examinar as diferentes edições, prestando particular atenção à materialidade do texto e às modificações feitas tanto pelo autor como pelos editores. Uma história completa da estética da recepção não pode deixar de incluir os sucessivos prefácios de Freyre (o “prefaciomaníaco”), que constituem método de orientação de leitura, paratexto de sumo interesse e sinal de autoconsciência da importância da obra. Igualmente relevantes são as traduções, adaptações e imitações de CG&S.

A história da recepção implica, em acréscimo, outras dimensões do texto. Redes de leitores, monumentalização da obra, exclusões e inclusões. Implica uma história que estabelece vínculos com meios materiais de comunicação outros que o livro. CG&S não apenas conta com leitores nacionais e internacionais. É tema de

música de Carnaval, peça de teatro; historieta; disco e CD; poesia; objeto de entrevistas; vídeo; selo; minissérie, filme.

Estamos diante dum processo dinâmico e seletivo de reformulação de temáticas freyreanas. Obviamente, tal história ampla da recepção ultrapassa o marco do presente trabalho, que se concentra nas respostas escritas a CG&S - resenhas, artigos, prefácios, introduções, livros. Trajetória que pode ser ilustrada em diversas tendências representativas: primeira década da recepção de CG&S; livro-homenagem *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*; a perspectiva crítica; pós-ideologia; recepção no estrangeiro.

### **Fortuna crítica (1933-1944)**

Os artigos relativos à primeira década da recepção de CG&S foram reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca no livro *Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944* (1985).

Indubitavelmente CG&S é percebido na década de 1930 como livro transgressor. Ruptura com a tradição. O autor mover-se em assuntos inteiramente novos com documentação prodigiosa é apenas parte da ruptura. Também o estilo é moderno. Segundo Yan de Almeida Prado, em CG&S Gilberto Freyre alcançou com mais segurança a meta almejada pelos novos - possuir linguagem adaptada à época moderna. A ponto de o livro parecer-lhe representar o último embate entre modernos e antigos, entre a velha e a nova geração.

Por isso, quando o respeitado crítico carioca Agripino Grieco assinalou numa extensa e elogiosa resenha de CG&S (*O Jornal*, 28/1/34) que se tratava de história do Brasil contada “à moderna”, captou o espírito de uma obra que procurava distanciar-se de modelos anteriores.

O artigo de Agripino Grieco seleciona aspectos importantes do conteúdo textual: o catolicismo doce e lírico da sociedade col o-

nal, a função civilizadora dos pequenos rios, a relação entre ortodoxia cristã e unidade política, a relevância atribuída ao fenômeno da alimentação. Mas, paralelamente à menção de tais observações, desenha-se uma apreciação do livro como revelação do passado. Em outras palavras, o livro retrata realidades históricas. Revela-as, tomando-as conscientes ao passo que as ilumina, e, no processo, funda uma visão da moderna cultura nacional.

Creio serem cinco os pontos centrais assinalados no artigo de Agripino Grieco que condensam de modo notável os elogios e críticas da década de 1930 a CG&S. Primeiro, a crítica “regionalista”: CG&S seria livro mais representativo do Norte e do Nordeste que do Sul do Brasil. Segundo, a moral sexual constitui uma das dominantes. Terceiro, há justo elogio ao negro, ainda que por vezes excessivo, em detrimento do mito do índio. Quarto, a interpretação é excessivamente materialista. Quinto, falta a CG&S um “centro”.

### **Região/nação**

A crítica ao regionalismo de CG&S não é unânime. Pelo contrário, a oposição região/nação só se manifesta em algumas resenhas. Em geral se fala de livro brasileiro de grande sentimento nacional. De clássico nacional. Assim o manifestam, ainda que de modos variados, João Ribeiro (*Jornal do Brasil*, 31/1/34), Aníbal Fernandes (*O Estado*, 6/2/34), Roquette-Pinto (*Boletim de Ariel*, maio de 1934), Mário Marroquim (1/4/34), V. de Miranda Reis (*Boletim de Ariel*, dezembro de 1934). Um crítico paulista, Plínio Barreto, afirma até que a casa-grande não foi peculiaridade do norte do Brasil nem teve o açúcar por única base. O sul também a teve, servindo-lhe de base o café (“Livros novos”, *O Estado de São Paulo*, 3/3/134).

Em contrapartida, quando aparece o argumento regionalista, seu peso é grande. Miguel Reale declara simplesmente que falta a

Gilberto Freyre conhecimento direto do Brasil meridional, de São Paulo aos pampas, o que o leva a estender a todo o país observações válidas mais para o Norte e o Nordeste (*Ação*, 16/10/36).

### **Sexualidade**

CG&S como história da sexualidade brasileira. A predileção pelos assuntos eróticos, nota João Ribeiro, é inegável. José Lins do Rego refere-se a Freyre como escritor que “está sempre fazendo terra”. E Afonso Arinos de Melo Franco capta esse lado sensual da narrativa quando chama CG&S de obra rabelaisiana. Mas, assim como na primeira década da recepção de CG&S, apesar da menção explícita no prefácio à “introspecção proustiana”, não são visíveis referências a Proust e à escrita proustiana (será preciso esperar os artigos de Roberto Alvim Corrêa, *A Manhã*, 3, 10 e 17/9/43, para tal associação), o tema da sexualidade não é tocado de modo direto. Embora seja mencionado marginalmente, faz parte de um conjunto mais amplo, que tem por base a linguagem.

O problema da linguagem de CG&S chama particularmente a atenção. Não pela linguagem em si. Admite-se em ambas as resenhas que a linguagem “vulgar” pode ser usada em obras de ficção. Mas não em obra científica. Os reparos à linguagem “oral”, a cruz de alguns termos, ao caráter pouco técnico e pouco científico têm que ver com a superação de um sistema classificatório rígido, que distingue radicalmente ciência de literatura. Curiosamente, é nessa linguagem “vulgar”, híbrido de literatura e sociologia, no humor e no prazer da leitura, que se encontra parte da riqueza de CG&S. É fenômeno reconhecido na época. A ponto de o prêmio Felipe de Oliveira - prêmio destinado a obras literárias - ser concedido em 1934 a CG&S.

### **Elogio ao negro**

O elogio ao negro é motivo unanimemente aceito pelos resenhistas da década de 1930. Esse ponto se revela de fundamental importância na história da recepção. Fundamental não só porque supõe a inversão de uma tradição que via no negro uma das causas do fracasso do Brasil, como porque na revalorização da contribuição do negro para a cultura brasileira se apóia a distinção teórica raça/cultura, que constitui o arcabouço de CG&S.

Por outro lado, a valorização do negro corrige uma visão deformadora, que depositava no português, ou na mistura de europeu e índio, a base cultural e étnica da nação. O negro agora na base da cultura brasileira; o negro como expressão positiva, mas o negro em condições degradantes do sistema escravista. João Ribeiro apenas repete com outras palavras as idéias de Freyre quando afirma que CG&S faz uma grande defesa dos pretos, pois a eles atribuem todos os defeitos morais, quando os seus vícios são a herança persistente da escravidão. Aníbal Fernandes contrapõe CG&S à tese de Gobineau e à de Chamberlain; Olívio Montenegro opina que os capítulos sobre o negro são os mais originais do livro; José Lins do Rego afirma que é sobretudo em relação ao negro que o livro é grande; e Mário de Andrade escreve, em notas manuscritas na sua edição de CG&S, que “todo este capítulo e o livro são uma mística e adorada defesa do negro. Isso é que não tem dúvida, que o autor defende apaixonadamente o negro.”

### **Materialismo**

Um dos argumentos surpreendentes é o do materialismo de CG&S. Surpreendente porque não é comum hoje identificar o livro com a interpretação materialista da história. Mas também porque o tema do materialismo marca o início de uma disputa entre os pró-

prios críticos. Ou seja, em torno de CG&S surge uma segunda literatura exegética, em que críticos corrigem, emendam, atacam ou defendem outros críticos. Depois de Agripino Grieco, são muitos os que fazem referências a CG&S como estudo materialista. Em abril de 1934 o alagoano Alberto Passos Guimarães responde ao crítico carioca, dizendo que “muito do que o sr. Grieco achou de mais eu acho bem dosado - o materialismo, por exemplo” (*Boletim de Ariel*, abril de 1934). O curioso desta observação é que é feita por marxista declarado. As explícitas restrições manifestas por Freyre no prefácio ao materialismo histórico dos sectários e fanáticos pouco importam a Passos Guimarães, já que todas as observações significativas de CG&S estão condicionadas a determinações econômicas. Em linhas gerais, CG&S seria fiel à interpretação materialista da história brasileira: livro marxista de pessoa não-marxista. De acordo com o marxista alagoano, CG&S constitui magnífico documento da evolução da técnica da produção, que arrasta consigo todas as camadas culturais, sociais e políticas. Nenhuma contradição com as palavras de Marx e Engels, que Passos Guimarães cita com devoção.

Outro ataque chegava da parte dos jesuítas. A propósito da segunda edição de CG&S o jesuíta Armando Más Leite publica artigo acusando o livro de representar premissa para o comunismo. Outros comentaristas registram igualmente o tema do materialismo de CG&S. Para o paraibano Luís da Silva Pinto, Gilberto Freyre estuda o Brasil de uma perspectiva que não se distancia muito do materialismo histórico (*Liberdade*, 7/1/35). E, de acordo com o comentário de Saul Borges Carneiro, o autor de CG&S foi buscar no materialismo histórico o complemento de sua orientação de historiógrafo.

### Um texto descentrado

O argumento da falta de “centro” que organize a estrutura do texto é mais complexo do que parece à primeira vista. Pressupõe toda uma concepção da organicidade da obra científica, uma noção de sistema, um conceito de explicação. Tanto para Agripino Grieco como para Afonso Arinos de Melo Franco, *CG&S* é livro brilhante mas incompleto: não apresenta conclusão pragmática. Faltar-lhe-iam alguns capítulos finais, de sínteses sociológicas e de conclusões políticas. Analogamente ao sucedido com a polémica do materialismo, o tema “conclusão” (ou falta de) deu lugar a debates entre os críticos. Olívio Montenegro responde a Agripino Grieco que não conhece livro que encerre mais conclusões que *CG&S*. Na mesma linha se coloca V. de Miranda Reis, referindo-se às conclusões implícitas do livro. As críticas à falta de centro, todavia, reaparecem: falta ao livro continuidade (Clódio Rodrigues), o livro é construção carente de cúpula (João Ribeiro, Afonso Arinos de Melo Franco); trata-se de obra ponto de partida, não ponto de chegada (Miguel Reale).

### Homenagem a Gilberto Freyre

*Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte* (1962) converte *Casa Grande & Senzala* em um clássico da cultura brasileira e considera o trabalho do escritor pernambucano em termos de ‘obra’.

Se discute a obra de Freyre em relação com as artes plásticas, a pintura, a filosofia, a poesia, o ensaio, a antropologia, a história, a sociologia, a linguagem, a arquitetura, a medicina. Estuda-se o vínculo de Freyre com as culturas hispânica, inglesa e francesa; as formas literárias de expressão; o impacto de *CG&S* nas novas gerações e na cultura brasileira. Evidentemente, os colaboradores do volume procedem de formações distintas. Há críticos literários,



escritores, arquitetos, sociólogos, historiadores, antropólogos, geógrafos, médicos, advogados, estudantes, poetas, pintores.

Um fator relevante é a inclusão de *Casa Grande & Senzala* na historiografia brasileira. Freyre passa a ser considerado um historiador social e CG&S um livro de história. De que história se trata? Certamente não da história política ou biográfica. Em seu artigo “*Casa Grande & Senzala, um caminho nôvo na historiografia*”, o historiador José Honório Rodrigues define três contribuições fundamentais de CG&S à historiografia brasileira: a focalização da vida social no processo histórico, o uso generalizado das fontes populares e a concentração na história íntima. De acordo com José Honório Rodrigues, Freyre merece ser considerado um dos grandes historiadores brasileiros por seu aporte pioneiro à interpretação culturalista da história nacional. Pioneirismo que implica a ampliação das fontes historiográficas a ‘documentos’ antes inexplorados - canções, lendas, folclore, diários, correspondência - e a inclusão da cultura popular no mundo histórico.

### **A ideologia brasileira**

Assimiladas e incorporadas as renovações formais e de conteúdo, o avanço das novas metodologias na antropologia (estruturalismo), a filosofia e a crítica literária (desconstrução), assim como os eventos sociopolíticos da história contemporânea –em particular o golpe militar de 1964 no Brasil e os movimentos de contestação de 1968 - permitem uma reinterpretação politizada de CG&S. Desata-se então uma onda crítica, fundamentada principalmente no questionamento da metodologia e apoiada na imagem do Gilberto intelectual de direita, aceito pelos grupos de poder mas não pelos jovens intelectuais universitários.

O livro que popularizou a interpretação ideológica de Freyre foi *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, de Carlos Guilherme

Mota. Vale a pena mencionar que a data de arranque -1933- é o ano da publicação tanto de *Evolução política do Brasil* de Caio Prado Júnior quanto de *CG&S*. São livros pertencentes à fase conhecida como ‘redescobrimto’ do Brasil, e que na década de 30 mantêm um valioso diálogo. Mas são textos que Mota, seguidor da linha interpretativa iniciada por Dante Moreira Leite, coloca em violenta oposição: um representando o mundo do marxismo libertador; outro a visão opressora de uma classe nordestina dominante em crise.

Como é possível que uma pessoa reacionária no plano político tenha escrito um livro generoso, tolerante, forte e belo? É esta a pergunta que se faz Darcy Ribeiro. Por outro lado, Ribeiro admite uma superlativa admiração pela obra de Freyre. É categórico a respeito: “Gilberto Freyre escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira. Com efeito, *Casa Grande & Senzala* é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos.”

Freyre aparece como o fundador do Brasil no plano cultural. E *CG&S* como o livro que permitiu a reconciliação com a ancestralidade lusitana e negra, antes considerada inferior. Um livro que ressaltou o valor do povo e dos imigrantes, em especial os de procedência africana e servil. Que ensinou os brasileiros a se aceitarem como eram. A partir de uma postura aristocrática e conservadora – um escritor situado no tempo e no espaço que escreve como um dominador - mas capaz de apropriar-se do outro sem perder sua própria identidade.

A vitalidade de *CG&S* reside para Ribeiro no talento do escritor. É o estilista que comanda a escritura. Mas a combinação de ciência e literatura, dirigida pela qualidade literária, permite exageros próprios da liberdade artística. A ambigüidade, a contradição e a justificação são defeitos que Ribeiro em parte atribui ao modelo interpretativo da antropologia colonialista, mas em sua maior parte à li-

berdade do estilo. E o método? E a teoria? Segundo Ribeiro, não existem. CG&S seria uma monografia de caráter etnográfico e regional, uma obra histórica que pretende explicar um contexto humano concreto, único, singular e irrepitível. Seria mais uma biografia que psicologia ou sociologia.

### **Pós-ideologia**

A pós-ideologia ‘moderniza’ Freyre, deslocando o problema do método e da teoria a um segundo plano. Desdramatiza também o aspecto político, pois de modo explícito ou implícito parte da historização dos metadiscursos. Concentra-se, pelo contrário, na orientação pública da reflexão e na dimensão ‘anamnésica’ do texto, registra o elemento criativo contido no paradoxo, a ambigüidade conceptual e a sugestão, examina a obra de Freyre como alternativa ao modelo ilustrado ocidental da racionalidade e do progresso e destaca a vitalidade da aproximação cultural ao tema da raça.

As poucas páginas que José Guilherme Merquior dedicou a Freyre em seus artigos “Na casa grande dos oitenta” e “Gilberto e depois” constituem uma notável síntese dos elementos formadores do pensamento do escritor recifense. Foi Merquior quem primeiro registrou a fundamental relação entre o decadentismo e o modernismo na trilogia freyreana. Claro, entre os elementos formadores estão o regionalismo, o tradicionalismo e o hispanismo. Merquior acrescenta a presença da cultura decadentista de fim de século. O cristianismo evangélico de Tolstoi, o sensualismo lírico de Pater, o vitalismo e intuicionismo de Bergson, o revolucionarismo neoromântico de Sorel.

Merquior assinalou de forma condensada as tendências fundamentais da trilogia freyreana: catarse histórico-étnica; vulnerabilidade da base geográfica do modelo histórico; primazia cognitiva da arte literária; função mais de intérprete que de analista da história

social. Destacou a importância do livro que inaugurou no Brasil a radiografia de seu passado íntimo e que implicou um extraordinário avanço no autoconhecimento nacional. De modo disperso, estas idéias tinham sido mencionadas anteriormente, mas agora aparecem em conjunto e situadas em um plano comparativo.

CG&S aparece conseqüentemente como o livro que liderou a resposta criadora do modernismo à problemática de autolegitimação cultural do Brasil. Diferentemente de *Macunaíma* de Mário de Andrade, ou *Serafim Ponte Grande* de Oswald de Andrade – nos quais a ambigüidade do tratamento cômico encobre a identificação com a cultura nacional - CG&S significou uma catarse histórico-étnica e uma admissão positiva da miscigenação. Uma tradição positiva e ativa. Também distinto do efeito frustrante de outras duas obras de autoanálise “coletivas”: *Radiografia de la Pampa* do argentino Ezequiel Martínez Estrada e *El laberinto de la soledad* do mexicano Octavio Paz. Sem dúvida dois livros fundamentais, mas que não alcançariam a “reconciliação interior com o ser histórico da argentinidade ou da mexicanidade”. A herança como denúncia. Imagem contrária da tradição como reconciliação: Merquior lê CG&S como um processo de revelação do passado oculto. Sai à luz o reprimido, e com isso a possibilidade de aceitar o próprio passado.

Roberto Da Matta, em “A originalidade de Gilberto Freyre”, destaca ao grande narrador que juntou o biográfico e o existencial, com o histórico, o literário e o intelectual. Um ensaísmo auto-reflexivo e pensado desde o interior, uma história da feitiçaria escrita pelo feiteiro. Mas de uma posição conscientemente assumida, que evita o provincianismo do ponto de vista do nativo e distingue a obra de Freyre do exercício intelectual abstrato, freqüentemente uma expressão de pressupostos teóricos estrangeiros mal assimilados. Uma linguagem sobre o Brasil diferente das anteriores: nem o médico que aconselha o paciente (Nina Rodrigues); nem o engenheiro que fala de uma obra (Euclides da Cunha); nem o jurista que impõe

as leis (Oliveira Vianna); nem o discurso de cifras do economista. Também uma linguagem distinta da nação política (Caio Prado Júnior), pois o retrato freyreano da casa e da família implica a sensibilidade antropológica da viagem e supõe uma aproximação social interessada e polifônica da perspectiva da vida cotidiana. O problema desta narrativa pioneira do existente reside em que a visão sensual do Brasil, que separa biologia de cultura, transforma a distância temporal em continuidade emocional e mistura as instituições sociais, se esquece do Brasil-Nação e torna invisível o duro aparato administrativo e estatal.

Ricardo Benzaquen de Araújo desenvolve a temática do modernismo alternativo em *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30* (1994). Trata-se menos de uma análise da obra freyreana no contexto histórico dos anos 30, que de uma interpretação derivada das correntes antropológicas e sociológicas dos anos 80. O livro se propõe a examinar “as relações que podem ser estabelecidas entre as *ciências sociais*, amplamente definidas, e as *propostas modernistas*, ainda bastante influentes no período.” Justamente aí radica sua originalidade: no uso de fontes bibliográficas atualizadas que recolocam antigos problemas em novos quadros de significação. Aparece, em relação a Freyre, uma nova bibliografia: Bakhtin, Bürger, Calinescu, De Certeau, Clifford, Foucault, Fumaroli, Geertz, Ginzburg, Greenblatt, Koselleck, Lepenies, Marcus, entre outros.

Benzaquen já não escreve a partir da bibliografia de Freyre: constrói uma genealogia alternativa, combinando a sociologia, a antropologia simbólica e a crítica literária. Ganha com isso uma notável liberdade. Dado que se pensa Freyre da perspectiva do modernismo plural e do conceito de civilização (Elias), opera-se uma ruptura em relação à maior parte dos livros e artigos anteriores. Não se pretende fundamentalmente resumir ou descrever, criticar ou elogiar, mas sim interpretar a obra freyreana apoiado em um amplo quadro de significação e em uma bibliografia teórica de cunho culturalista.

### Recepção no estrangeiro

Os primeiros comentários a CG&S logicamente supõem o conhecimento do português e derivam de historiadores vinculados com os temas freyreanos - a expansão colonial portuguesa no caso de Carlos Malheiro Dias; a história do Brasil, no caso do norte-americano Percy Alvin Martin e do jovem cabo-verdiano Manoel Cardoso. Posteriores são os ensaios que pensam a obra de Freyre de 'fora' da história luso-brasileira, como sucede com Francisco Ayala, Roland Barthes e Blas Matamoro, entre outros.

Em especial os historiadores franceses do movimento dos *Annales* compartilham com Freyre uma série profunda de afinidades intelectuais. Antes da publicação de seu famoso livro *O Mediterrâneo*, o historiador francês Fernand Braudel havia escrito um extenso artigo sobre Freyre, "À travers un continent d'histoire: le Brésil et l'oeuvre de Gilberto Freyre" (*Mélanges d'histoire sociale* 4: 3-20, Paris, 1943).

Aparece *CG&S* como um dos livros fundamentais em uma vasta obra que tem o Brasil como história-problema. Assim como sucede com os ensaístas espanhóis - Ganivet, Unamuno, Ortega y Gasset - do vínculo vital de Freyre com o país e a região derivam as ressonâncias poéticas, ricas em idéias e informação. Mas do trabalho do sociólogo e historiador, apoiado nos métodos realistas da antropologia americana, onde as fontes carecem das tradicionais hierarquias e onde a assimilação das leituras se expressa através de um vocabulário luminoso, resulta o pensamento combativo e atento a todos os valores humanos. Grandes paisagens de história, sobre um país que se busca e se encontra na pessoa do intérprete: a compreensão nacional é ao mesmo tempo autocompreensão. Ensaísta e historiador, brilhante, lúcido, rico em documentação, Freyre revela-se superior a seus predecessores e contemporâneos - Euclides da Cunha,

Manuel Bomfim, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior.

Não tudo são elogios. Mais que um país, Brasil é um mundo. Da perspectiva da história total, a obra de Freyre, que se distancia da cronologia política e econômica, acentuando a dimensão social, constrói uma visão um tanto estática da vida cotidiana. Menos o retrato do nomadismo e das migrações, que a história dos sedentários, das casas grandes estáveis e firmes.

No início dos anos 50, o estilo literário de Freyre chamou a atenção de Roland Barthes. Barthes detectou em *CG&S* o estilo personalizado do autor por direito próprio e elogiou a ‘corporalidade’ do texto: “Há além disso em Freyre, um sentido obsessivo da substância, da matéria palpável, do objeto, se assim o quisermos, que é no fundo a qualidade específica de todos os grandes historiadores”. Sobretudo, Barthes destacou a conexão entre a obra de Freyre e a *nouvelle histoire* francesa. Percebeu em *CG&S* um produto brilhante da sensibilidade para a história total e o comparou explicitamente com os trabalhos elaborados na França por historiadores como Bloch, Febvre ou Braudel.